

1

HISTÓRIA E DEVOÇÃO. A FESTA DE NOSSA SENHORA DAS ÁGUAS-PR

¹João Paulo Pacheco Rodrigues

Introdução

A celebração que acontece anualmente na região norte do Paraná, desde o início do século XXI, relaciona-se ao catolicismo e reúne valores que abrangem a devoção, a piedade e o compromisso. Referências essas que representam os anseios de uma comunidade unida em torno de uma Santa e, ao mesmo tempo, simbolizam a expressão de fé de determinados segmentos sociais.

Assim, neste trabalho, privilegiou-se o estudo de uma manifestação específica da religiosidade católica: “Festa de Nossa Senhora das Águas”. Essa opção se deve ao fato da dimensão que tal festividade atingiu na cidade de Ivatuba, espaço geográfico circunscrito a cidade, posteriormente, ampliado às pequenas urbes que cresceram às margens do Rio Ivaí.

Na tentativa de compreender esse fenômeno religioso, o que se propõe é uma reflexão a celebração em tributo a Virgem do Ivaí, a partir do universo fantástico do catolicismo popular. A festa de Nossa Senhora das Águas, embora seja uma prática que se baseia em crenças e cultos semelhantes à de outros locais, apresenta, particularidades que foram solidificadas no processo de criação da santa na região onde serpenteia o rio Ivaí.

1. Fé e Celebração: A história de Nossa Senhora das Águas.

Ivatuba, assim como centenas de pequenas cidades do norte paranaense, é fruto do processo re-ocupação do Norte do Paraná desenvolvido pela Companhia

¹ Doutorando em História pela Universidade Estadual de Maringá, Mestre em História pela mesma sob a orientação da professora Dra Sandra de Cássia Araujo Pelegrini, Especialista em História do Brasil pela Universidade Cândido Mendes-RJ. Graduado em História pela Universidade Estadual de Maringá (2007). Tem experiência na área de História, com ênfase em História do Brasil, História do Paraná e Patrimônio Cultural.

2

Melhoramentos Norte do Paraná. Segundo Padilha (1985) o efetivo loteamento da cidade de Ivatuba ocorreu após a aquisição da faixa de terras próxima ao Rio Ivaí por parte da empresa Pareja e Cia Ltda., comercializada pela referida companhia no começo da década de 1950.

Os primeiros moradores, oriundos em sua grande maioria dos estados de São Paulo e Santa Catarina, paulatinamente adquiriram propriedades para o cultivo da lavoura de café. Em 11 de julho de 1951, a região foi elevada a distrito de Maringá e em 18 de novembro de 1961 a município, sendo realizado oficialmente a instalação solene com a posse do primeiro prefeito eleito, o agricultor Vander Ribeiro.

No final da década de 1960, a comunidade católica de Ivatuba presenciou um fato inusitado, segundo relatos de antigos moradores². Em uma Celebração Eucarística o Pároco do Município teria feito a premonição de que a cidade nunca se desenvolveria para o sentido Sul. Coincidência ou não, de fato essa região, por mais de duas décadas não apresentou desenvolvimento econômico relativo. Embora as terras estivessem cercadas pelo rio Ivaí, o que ocasiona numa área altamente valorizada economicamente, a produção de grãos nunca foi eficiente.

No entanto, no final dos anos 1960, um lote de terras de 21,3 alqueires foi adquirido pela família de Anísio Furlan³, em 1980 o mesmo adquiriu mais um sítio de 20 alqueires, totalizando uma área de 41,3 alqueires. Furlan, em entrevista, diz que sua intenção era construir um condomínio de lazer naquele local. No ano de 1997, após uma extensa pesquisa sobre o conjunto de leis e normas para a implantação deste empreendimento, iniciou-se o projeto que no futuro receberia o nome de “Condomínio Pontal do Ivaí”, em uma clara referência ao respectivo rio.

Com uma intensa propaganda fundamentada no ideário de lazer, diversão e meio ambiente, os primeiros lotes foram vendidos num rápido espaço de tempo. Porém. Anísio Furlan⁴ e os responsáveis pelo condomínio Pontal do Ivaí encontraram um

² Entrevista realizada no dia 2 de agosto de 2008 com a Sr Maria Presa, ministra da eucaristia na solene celebração.

³ Fundador e atual síndico do Condomínio Pontal do Ivaí.

⁴ Entrevista realizada no dia 30 de abril de 2009 com o Sr Anísio Furlan.

3

grande problema que inviabilizaria toda comercialização dos lotes do condomínio: a falta de água para abastecer a região.

Segundo o dono do loteamento, diversos especialistas, como geólogos, analisaram as condições do condomínio com a intenção de localizar um lugar que pudessem servir como poço artesiano. A empresa Poços Iguatu, responsável pela obra dos reservatórios, perfurou aberturas de até mil metros e em nenhum destas foi localizada água potável.

Preocupados com o problema, os responsáveis pelo loteamento solicitaram que o Padre Jair Favoretto, que acabara de adquirir um lote na região, fizessem uma celebração em louvor a Nossa Senhora, para que esta intercedesse pelos condôminos em busca da água. O Padre aceitou o pedido e ministrou uma missa pedindo a intervenção da Virgem Maria.

Após alguns dias, em nova tentativa, a empresa ao perfurar uma abertura de quinze metros encontrou água potável. Com noventa metros de profundidade o montante deparado já era suficiente para abastecer todo loteamento. Assim, puderam retomar o processo de comercialização das datas do terreno.

Em dezembro 2001, após o término das obras de infra-estrutura, o Padre Jair Favoretto⁵, procurou Furlan, com a intenção de realizar uma festa similar a de Nossa Senhora dos Navegantes, numa forma de potencializar o turismo na região e de ecoar aos fiéis a importância da preservação ao meio ambiente e os cuidados com o rio Ivaí.

No entanto ambos rejeitaram a idéia da celebração ser em louvor a Nossa Senhora dos Navegantes, pois essa acontecia em diversos lugares do Brasil como na cidade de Porto Alegre no Rio Grande do Sul e no Paraná nas cidades de Boa Esperança do Iguaçu, Coronel Domingos Soares, Itaipulândia, Paranaguá, Pato Bragado e Porto Rico.

Segundo Padre Jair Favoretto, foram realizadas diversas reuniões com o grupo sindical do loteamento, para a escolha do nome da festa e criação da alcunha da santa que passaria a ser a padroeira do condomínio. Assim, decidiram pelo título de Nossa Senhora das Águas, pois a celebração iria acontecer às margens do rio Ivaí. Também o

⁵ Entrevista realizada no dia 21 de maio de 2009 Revmo. Sr. Padre Jair Favoretto

4
intuito era agradecer a Virgem Maria pela graça da água alcançada ainda no processo de comercialização dos lotes.

Logo que iniciado o processo de construção e elaboração da Rainha das Águas o Padre Jair Favoretto viajou para cidade de Aparecida do Norte, centro do catolicismo no Brasil e contratou um artesão especializado na confecção de santos.

Ao observarmos a imagem criada pelo artesão paulista⁶, podemos considerar uma diferença substancial em relação a Nossa Senhora dos Navegantes. Ao contrário da primeira santa, conhecida em nosso país, no caso de Nossa Senhora das Águas, a âncora, símbolo dos pescadores e navegadores, se localiza no centro de Maria, mais precisamente na posição do coração. Na imagem de Nossa Senhora dos Navegantes a mesma âncora se encontra no canto esquerdo da imagem também carregada pelo menino Jesus. Como podemos observar na imagem abaixo.



⁶ Entrevista realizada no dia 21 de maio de 2009 Revmo. Sr. Padre Jair Favoretto afirma não recordar o nome do artesão responsável pela confecção da imagem da santa.

5

Figura 1. Nossa Senhora dos Navegantes.

<http://capelasnoantonio.blogspot.com/>

Acessado no dia 23/11/10

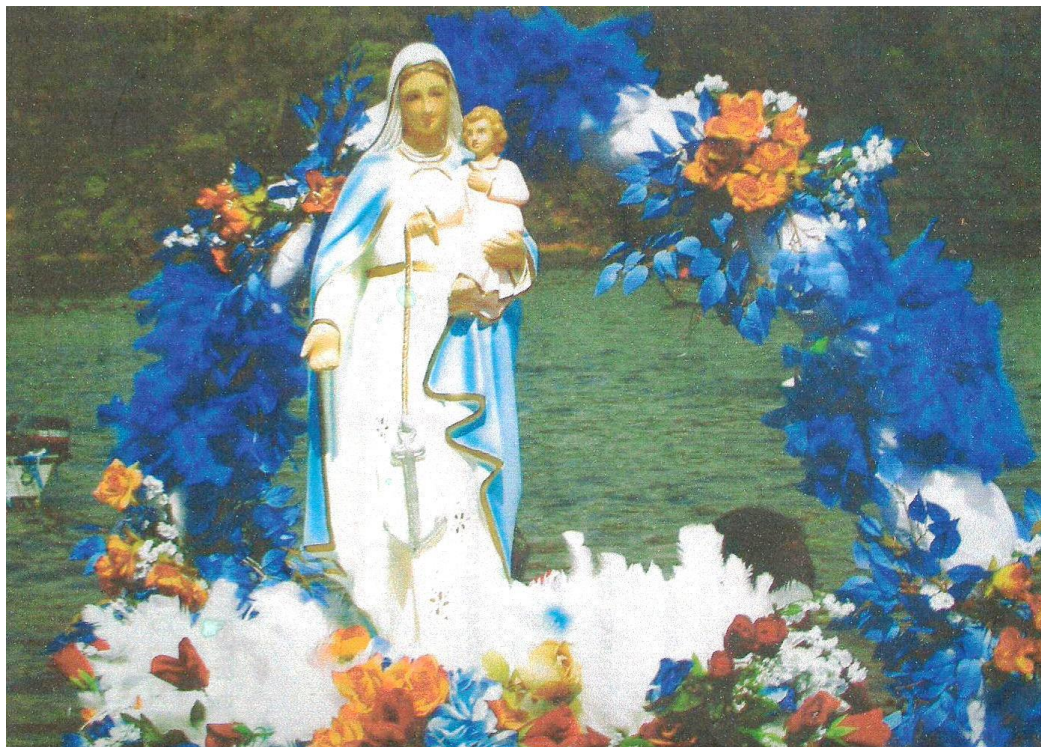


Figura 2: Nossa Senhora das Águas, acervo Anísio Furlan

Para o Padre Jair Favoretto, esta mudança é essencial, pois a Virgem Maria atua como a intercessora destes pescadores, logo, seria mais justo que o símbolo destes navegadores estivesse no mesmo local que o seu coração, representando um ato de amor, ternura e proteção⁷.

Outra disparidade entre as duas imagens refere-se à cor do manto, no caso de Nossa Senhora das Águas a vestimenta tem o tom azul claro e branco predominante em toda figura, podemos considerar esta mudança como uma alusão à pureza da água encontrada nos poços artesianos do Rio Ivaí, mencionada regulamente nas celebrações em louvor a Santa.

Duas imagens foram confeccionadas. Uma se encontra à beira do rio Ivaí na gruta de Nossa Senhora das Águas, no condomínio Pontal do Ivaí. A outra se encontra em posse do padre Jair Favoretto. Segundo Anísio Furlan, o sindicato do loteamento

⁷ Entrevista realizada no dia 21 de maio de 2009 Revmo. Sr. Padre Jair Favoretto

6

institui o dia 22 de agosto, como data comemorativa a Nossa Senhora das Águas, pois essa é o dia universal de Nossa Senhora, instituído pelo papa Pio XII.

Sobre o surgimento de Nossas Senhoras, Edésia Aducci (1998) elucida que a denominação de uma nova santa, é algo muito particular, restrito a cultura de uma determinada comunidade ou grupo católico, na qual em grande parte precisam confirmar a sua condição de fé ou passam por alguma necessidade. No caso a que se refere este texto, tem-se como exemplo a Nossa Senhora das Águas, que surgiu da emergência de um grupo pela busca do bem potável.

Cabe ressaltar que a água pode ser considerada mais que um bem indispensável à população, essa é ao mesmo tempo um recurso natural essencial para o desenvolvimento econômico de uma região, no caso o condomínio Pontal do Ivaí. Este bem natural é fundamental para a conservação dos ciclos químicos, geológicos e biológicos responsáveis por manter em equilíbrio o ecossistema. Preservar a água protegendo as nascentes dos rios, conservando matas ciliares, combatendo a poluição e reduzindo o consumo diário deste bem são medidas cabíveis para a população.

Nas homilias pregadas pelo Padre Jair Favoretto essas práticas são pontuadas como necessárias para o equilíbrio e salvação do mundo, os sermões enfatizam a água como o bem natural indispensável para a sobrevivência de toda humanidade, neste contexto a Virgem Maria se apresenta como uma manifestação da água, ao tempo em que ela atua como protetora daqueles que necessitam economicamente do bem (os pescadores e turistas) como daqueles que zelam pelo equilíbrio do planeta (os romeiros).

Aliás, o padre Favoretto reforça que a padroeira do Ivaí não atua apenas como a protetora do rio e de suas redondezas, mas carrega o dogma da mãe de Jesus Cristo, responsável pela reencarnação da segunda pessoa (Pai, Filho e Espírito Santo), papel incisivo na Igreja Católica. Assim, torna necessário refletir e perceber quais foram os pólos aglutinadores das manifestações populares no culto mariano.

2.2- Marianismo, algumas reflexões.

7

As raízes para essa devoção teriam origens milenares, referidas em livros apócrifos, passagens bíblicas e bulas dogmáticas como veremos a seguir. O documento biográfico de santos “Legenda Áurea”, escrito no século XIII pelo frade Jacopo de Varazze (2003), revela que Maria foi gerada da união de Joaquim, fazendeiro e criador de ovelhas, natural de Nazaré, e Ana, filha de Mathan, um sacerdote que vivia em Belém e tinha outras duas irmãs. Casaram-se prematuramente, o documento menciona que constituíam um casal “justo” e seguidor dos mandamentos do Senhor, no entanto, não conseguiam dar a luz a nenhum filho.

Após 20 anos de amargura e pedidos, Ana engravidou e deu à luz a uma filha, que recebeu o nome de Maria. Ao completar três anos, a menina foi levada ao templo, onde, de acordo com a promessa dos pais, viveria a serviço do divino. A Virgem foi ali educada e só retornou à casa dos pais aos 14 anos para se casar com José.

Segundo a historiadora Edilece Souza Coto (2004), até esse período são pouquíssimos os registros sobre a vida de Maria, sua biografia torna-se mais completa após o nascimento de Jesus Cristo, nas passagens bíblicas ⁸.

O historiador Oscar Calavia Saez (2008) ressalta a existência de diversos fatores que contribuíram para transformar a figura de Nossa Senhora de uma simples referência evangélica a um personagem eximamente familiar e divino de modo equivalente ao seu filho. Por exemplo, o processo de criação iconográfica e iconológica da Virgem Maria

Couto (2004) atesta que na iconografia a figura de Maria se apresenta em distintas posições do corpo e cortes das vestes, carregando ou não o descendente de Deus nos braços, envolto de objetos variados.

⁸ Ao todo a Virgem Imaculada é mencionada dezenove vezes no Novo Testamento, na Carta Encíclica de João Paulo II, “Redemptoris mater” o Papa destaca algumas aparições da virgem nas escrituras sagradas, nas quais vale destacar: O aparecimento do arcanjo Gabriel o anúncio de que seria ela a mãe do Filho de Deus em Lc, cap 1, v26-56 , na visitação à sua prima Isabel em Lucas, capítulo 1, versículo 39-56.

A sua purificação e a apresentação do Menino Jesus no templo em Lucas, capítulo 2, versículo 22-38; na procura pelo menino no templo, quando este debatia com os doutores da lei em Lucas capítulo 2, versículo 41-50

Na famosa parábola sobre as bodas de Caná, na Galiléia em João, cap 2, v 1-11, quando João Paulo (1989) constata que é nessa passagem que a maternidade de Maria é desvelada e ela passa a atuar como medidora dos homens perante a Cristo.

A Virgem é novamente citada na passagem à procura de Cristo enquanto este pregava e o elogio que lhe faz em Marcos capítulo 3, versículo 33-35; ao pé da Cruz quando seu filho aponta a Maria como mãe do discípulo e a este como seu primogenito em João capítulo 19, versículo 26-27 e por último depois da ascensão de Cristo aos céus, onde a Virgem era uma das mulheres que estavam reunidas com restantes discípulos na passagem de Atos dos apóstolos..

8

A historiadora afirma que normalmente a Virgem utiliza uma túnica branca, um manto azul, e traz na cabeça a coroa real. Nas imagens presentes nas igrejas é habitual encontrar a Rainha sobre o planeta Terra amarfanhando uma serpente, ícone do pecado original e da visão dualista do sexo feminino: mãe bondosa e acolhedora e, ao mesmo tempo, maligna e tentadora.

Para Couto (2004), nas imagens dos cultos populares o animal está vivo, circundando a terra ou enrolada no corpo da estátua. Nesse caso, a cobra tem outro significado: simboliza a procriação, a fertilidade presente nos antigos cultos agrários. Sob os seus pés podem aparecer uma lua em fase crescente e cabeças de anjos.

Somado a esse fator pode-se mencionar também as cartas dogmáticas marianas que atestam sobre a Maternidade Divina, a Virgindade Perpétua, a Imaculada Conceição e, por último e os cultos e festejos em louvor a Virgem.

Segundo Couto (2004), a Igreja Católica costumava homenagear a Virgem Maria com três festas. Na primeira, em 8 de setembro, comemorava-se o seu nascimento; na segunda, a sua purificação, também denominada de Hipopante ou Candelária; e na terceira a alusão a Imaculada Conceição.

De acordo com Couto (2004), o louvor à Imaculada Conceição provavelmente foi o primeiro a ser difundido no Brasil pelos portugueses. Tomé de Souza trouxe uma imagem da Santa e, ao fundar a cidade do Salvador, em 1549, participou ativamente da construção da primeira capela na Cidade Baixa, denominando-a Igreja de Nossa Senhora da Conceição da Praia. Nesse espaço, os marinheiros e comerciantes locais passaram a fazer suas orações em louvor à padroeira do Reino.

No Brasil, o catolicismo ibérico que desembarcava na região, no século XVI, foi hegemonicamente devocional e iconófilo. Segundo Mauricio de Aquino (2011), os primeiros europeus responsáveis pela cristianização no continente sulamericano carregavam consigo inúmeras imagens de santos, principalmente, as da Virgem Maria.

O historiador expõe que o catolicismo português era essencialmente mariano, e o apreço pelos retratos e figuras consolidou-se após as batalhas da reconquista da península, transformando-se em um marco da identidade ibérica. Nesse contexto, Maria tornava-se, também, o símbolo da identidade católica na guerra contra os reformistas

9

protestantes, nas vitórias sobre os mouros, na descoberta do caminho das Índias e na restauração da independência portuguesa, na primeira metade do século XVII.

De acordo com Nilza Botelho Megale (2001) os lusitanos transmitiram essa devoção ao culto mariano e a difundiram em solo brasileiro :

Várias efigies da Mãe de Deus chegaram ao nosso país, trazidas por marinheiros ou colonizadores lusitanos, que espalharam o culto das invocações em moda ou das padroeiras de suas províncias ou cidades natais. Além da Senhora da Esperança que veio na nau de Pedro Álvares Cabral e da Senhora da Glória, que consta ter chegado à Terra de Santa Cruz em 1503, muitas outras como as do Ó, do Monte, da Luz, da Graça, da escada, ornamentaram os altares dos mais antigos tempos coloniais. (MEGALE, 2001, p.17)

Entre os séculos XVI e XVIII, no que diz a respeito à organização dos cultos coletivos, a Igreja e o Estado apresentam-se como cúmplices. Tal parceria se insere no contexto quando a Igreja Católica e o Estado português oficializaram a política de união dos poderes seculares e imateriais por meio do sistema de Padroado.

Maura Regina Petruski (2008), argumenta que essa “união criou uma legislação”, normativa das práticas religiosas coletivas como obrigatórias para todos os moradores da colônia. Impostas por lei, proibiram os súditos da Coroa delas se furtarem.

Como foi elucidado, o culto mariano não é homogêneo. A Mãe de Jesus possui diversas representações e vários significados construídos e apropriados conforme o espaço, causa ou circunstância. Enquanto para a Igreja, Maria é a Nossa Senhora, para o povo ela é singelamente a Senhora, a Mãe. De índole dogmática para os fiéis a Virgem é considerada uma criatura privilegiada pelas prerrogativas que Deus lhe concedeu. Maria é admirada pela bondade, amabilidade, modéstia, e santidade que irradiava de todo seu ser, e pela beleza física. A Rainha é considerada, depois de seu filho, a mais perfeita das criaturas.

São por esses atributos que o culto popular mariano vem se perpetuando por séculos, manifestos nas formas de devoção inspiradas por sentimentos como a confiança na bondade, na misericórdia, na sabedoria e no poder “miraculoso” da Matriarca Divina.

10

Algumas nomeações recebem determinados termos em função de um fenômeno ou acontecimento “fantástico” que permeia a aparição da Virgem. Ela teria estabelecido contato com os devotos tendo em vista “alertar seus filhos” ou livrá-los do pecado por meio de graças ou milagres. Dentro dos títulos cabíveis a Maria pode-se mencionar alguns com dominações bem particulares, como as de Nossa Senhora da Gota de Ouro⁹, das Treze Pedras¹⁰, do Brasil¹¹, das Nuvens¹², da Árvore¹³ e, recentemente das Águas

Atentamos a discussão sobre o processo de construção da Celebração da Imaculada do rio Ivaí. No ano de 2002, apoiados pela prefeitura municipal de Ivatuba e pelos condôminos, foi realizada a primeira festa em louvor a Rainha das Águas, dividida nas seguintes etapas: desfile fluvial, recepção a Nossa Senhora, missa eucarística e, por último, confraternização e almoço com os devotos. Segundo o Padre

⁹ Segundo Notre-Dame na obra *Mille Pelerinages*, esta denominação provem de um riacho chamado “Gota de Ouro” cuja nascente se encontra em Launay, cantão de Beaumont-le-Roger na França. A Virgem é invocada todo dia 8 de setembro.

¹⁰ Em Villefranche-de-Rouergue na França, um carroceiro dado em apuro por sua carroça estar atolada implorou o auxílio de Nossa Senhora, que teria aparecido acompanhada dos doze apóstolos, pousando seus pés, com precaução, nas treze pedras que tinham sido colocadas nesse lugar por ocasião das inundações, para ajudar os pedestres a atravessar a difícil passagem. De acordo com Notre-Dame o bispo, informado do milagre, benzeu as treze pedras e construiu ali o santuário em louvor a Virgem.

¹¹ Em 1829 foi enviada de Nápoles para os padres brasileiros uma imagem de Nossa Senhora que conservam na igreja de Santo Efrên. Aducci(2001) conta que no dia 22 de fevereiro de 1840, um incêndio teria destruído toda igreja em que abrigava a santa, no entanto apenas a imagem não teria padecido sobre as chamas. Fundou-se assim a devoção a Nossa Senhora do Brasil.

¹² No fim de 1696, na cidade de Quito, Equador, encontrava-se gravemente enfermo o bispo de Quito, dom Sancho de Andrade e Figuerôa. Os médicos, declararam-se impotentes para curar o mal e aconselharam ao paciente que recebesse os santos sacramentos. Tristes pela doença do Bispo, os habitantes de Quito teriam combinado de fazer uma manifestação de violência ao céu tomando Nossa Senhora por intercessora. Em 30 de dezembro de 1696, tanto por causa das preces a favor de seu bispo como por ser domingo, saiu da referida igreja a procissão em louvor a Virgem do Rosário. Chegando cortejo ao adro da igreja de São Francisco, um sacerdote teria levantado a voz, exclamando: “A Virgem! A Virgem!” Aos gritos do sacerdote todos levantam os olhos, dirigindo-os para o ponto do céu que ele assinalava com o dedo. Eram 5 horas da tarde. Via-se uma gigantesca imagem da Santíssima Virgem, formada como que de uma nuvem branquíssima e resplandescente, suspensa entre o céu e a terra. Aducci conta que viam-se distintamente os traços do rosto, inclinado a Jesus Cristo que o tinha no braço esquerdo, e no direito, um ramo de açucenas.

A aparição se manteve no ar por alguns segundos e o prodígio da Nuvem foi confirmado pela cura inesperada e rápida de S. Exa. Dom Sancho que teria iniciada no momento da aparição. Em prova de gratidão, dom Sancho não só autorizou o culto de Nossa Senhora da Nuvem para seus diocesanos, mas também erigiu na catedral de Quito um altar especial em sua honra.

¹³ Segundo Notre-Dame na obra *Mille Pelerinages*, noticia-se este santuário desde 1703, na cidade de Chanonat na França foi encontrada uma imagem numa cavidade de uma árvore. A peregrinação a este espaço se dá no último domingo de setembro.

11

Jair Favoretto, a primeira celebração teve a participação de 800 romeiros, sendo que a maioria pertencia ao município de Ivatuba.

No ano de 2004, a convite do Padre Jair Favoretto, o arcebispo Dom Jaime Coelho presidiu a celebração. Neste dia, a Santa foi nomeada a Padroeira do Rio Ivaí. Este pode ser considerado um momento importante para a solidificação da Festa de Nossa Senhora das Águas, pois ela deixa de ter seu caráter municipalista e passa a adquirir um símbolo regionalista, na medida em que ela se torna padroeira também de todas as cidades banhadas pelo rio Ivaí.

Em 2005, o Governo do Paraná e a Secretaria de Estado da Cultura registraram a celebração de Nossa Senhora das Águas no livro “Festas Populares do Paraná” de Renato Augusto Junior Carneiro. Podemos considerar este um fator fundamental no reconhecimento cultural que a festa vem adquirindo.

Com o passar dos anos, a festa se tornou cada vez mais conhecida. Em 2007, o montante de pessoas já ultrapassava dois mil romeiros. Este é um número expressivo se levarmos em conta que a população de Ivatuba, segundo dados do IBGE, é de aproximadamente três mil habitantes¹⁴ e que elucida a popularização do sentimento de adoração a Rainha das Águas.

Ao mesmo tempo em que a festa foi ganhando relevância a fama dos milagres e bênçãos foi sendo disseminada pela região. Segundo alguns romeiros, o número de acidentes no rio diminuiu substancialmente graças à proteção de Nossa Senhora das Águas.

Como podemos observar, apesar do pouco tempo de existência, a festa da Virgem das Águas do rio Ivaí vem se constituindo como uma prática cultural muito singular na região de Ivatuba. Preservar e registrar esta celebração se torna essencial para compreensão e manutenção da cultura popular de Ivatuba e do norte do Paraná. Além disso, o estudo minucioso desta forma de manifestação das religiosidades e das crenças populares poderá contribuir para a percepção das redes de relações sociais que se solidificaram em torno destas festividades.

¹⁴ ↑ Estimativas da população para 1º de julho de 2009 (PDF). Estimativas de População. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) (14 de agosto de 2009). Página visitada em 16 de agosto de 2009.

12

Outro aspecto a ser destacado é a questão que se depara o pesquisador diante de tal tema, ou seja, seria viável registrar como bem imaterial as bênçãos e milagres atribuídos a Nossa Senhora das Águas? Esta prática seria incabível, no entanto há possibilidade de preservar por meio de inventários o modo como esta festa acontece, o lugar que ela é concebida, os objetos e signos utilizados na celebração. Registrar esta manifestação religiosa significa resguardar as memórias dos indivíduos que participaram de tais comemorações que poderão constituir um “patrimônio imaterial local” ao qual a cultura popular e a história de Ivatuba estão intrinsecamente ligadas.

Partindo desta discussão, acredita-se que, a partir de um breve histórico sobre a festa de Nossa Senhora das Águas, exemplificando determinados acontecimentos históricos que foram fundamentais no processo de consolidação da festa na região do rio Ivaí, este constitui tema que pode ainda ser explorado pela discussão acima citada. Por isso, chama-se a atenção para dois aspectos: o de compreender esta manifestação como um patrimônio cultural imaterial local e conceber estas diferentes memórias como fundamental no processo histórico da celebração. Portanto, procurar entender as idéias, os discursos desses grupos, o que preservavam e o que compartilhavam é essencial para uma abordagem que contemple os aspectos culturais de um grupo ou de uma sociedade.

Devido à mudança paulatina do conceito acerca do patrimônio cultural, se tornou possível compreender as diferentes manifestações culturais de uma dada comunidade, centralizando a discussão e realizando uma reflexão de como o estudo do caso pode ser pertinente para o registro da Festa de Nossa Senhora das Águas.

Considerações finais

Buscou-se contextualizar o estudo de caso aqui presente, do culto a Nossa Senhora das Águas, às margens do rio Ivaí, no norte paranaense. Para tanto, busca-se compreender a prática cultural que envolve o culto à figura de Nossa Senhora e os diferentes aspectos simbólicos e celebrativos que envolvem a mesma, buscando descrever esta experiência e suas singularidades perante as demais e suas semelhanças também.

13

Pode-se dizer que, no caso de Nossa Senhora das Águas, a mesma também é onisciente, ou seja, está presente no momento do pedido, atendendo-o antecipadamente, ainda que seja importante que os fiéis dêem o primeiro passo. Ou seja, segundo, é importante que os devotos sintam a necessidade da sua presença como uma forma de garantia dos laços constituídos para que não se esqueça de onde vem o milagre e a quem se deve (REESINK, 2005, p. 275).

Conforme aponta Reesink, a coletividade é importante, senão fundamental, para o regime do milagre, pois reforça os do ato sobrenatural. No caso de Ivatuba tais aspectos podem ser reconhecidos nas narrativas dos entrevistados, nas próprias celebrações em homenagem a Santa.

Apesar de a sua trajetória histórica estar intrinsecamente relacionada com o município de Ivatuba, a Imaculada do rio Ivaí ao mesmo tempo intercede pelo povo daquela comunidade e também atua como a protetora de todos os pescadores e navegantes. No desfile fluvial que antecede a celebração, apenas a bandeira do Brasil é carregada ao seu lado, legitimando o sentimento mariano.

A festa de Nossa Senhora das Águas na região de Ivatuba constitui preciosa manifestação da cultura popular do norte do Paraná e a sua fascinação se deve por dois fatores essenciais: o primeiro sobre a questão do espaço na qual a celebração adiciona entretenimento e cultura popular e também pela capacidade de reunir num mesmo localromeiros crentes no poder de intercessão da virgem.

Bibliografia

ABREU, R. ; CHAGAS, M. **Memória e patrimônio: ensaios contemporâneos**. Rio de Janeiro: DPEA, 2003.

ADUCCI, Edésia. **Maria e seus títulos gloriosos**. São Paulo. Ed Loiola. 1998.

AMARAL, Rita. **Festas Católicas brasileiras e os milagres do povo**. Civitas – Revista de Ciências Sociais v. 3, nº 1, jun. 2003

CARNEIRO JR. Renato Augusto. **Festas populares do Paraná**. Curitiba: Secretaria de Estado da Cultura, 2005 (no. 2).

CHOAY, Françoise. **A alegoria do Patrimônio**. São Paulo: Editora UNESP, 2001.

ELIADE, Mircea. **Tratado de História das Religiões**. São Paulo. Editora Martins Fontes. 1992,

FONSECA, M. C. L. **Para além da pedra e cal: por uma concepção ampla de patrimônio cultural**. In: ABREU, R. & CHAGAS, M. (orgs). **Memória e patrimônio: ensaios contemporâneos**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

GONÇALVES, J. R. S. **A retórica da perda: os discursos do Patrimônio Cultural no Brasil**. Rio de Janeiro: UFRJ/ Minc-Iphan, 2003.

REESINK, Misia Lins, **PARA UMA ANTROPOLOGIA DO MILAGRE: Nossa Senhora, seus devotos e o regime Militar**. Caderno CRH. Salvador v.18, n.44. p. 267-280. 2005

LE GOFF, J. **História e Memória**. Campinas: Editora UNICAMP, 2003.

PADILHA, Antonio . **“Ivatuba Progresso Constante”**. Londrina. Traço Publicações. 1985

PELEGRINI, Sandra C. A. **Patrimônio Cultural, consciência e preservação**. São Paulo; Brasiliense, 2009

PELEGRINI S. C E FUNARI, P. **O que é Patrimônio Cultural Imaterial**. São Paulo: Brasiliense, 2008

15

PETRUSKI, R. Maura. **Julho Chegou... E A Festa Também: Sant'ana E Suas Comemorações Na Cidade De Ponta Grossa (1930-1961)**. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2008.

RHODEN, L. F. . **O patrimônio Imaterial: algumas reflexões sobre o registro**. Revista Ciências & Letras, Porto Alegre, v. n. 31, p. 253-260, 2002.

SANT'ANNA. Márcia. **A face imaterial do patrimônio cultural: os novos instrumentos de reconhecimento e valorização**. . In: ABREU, R. & CHAGAS, M. (orgs). Memória e patrimônio: ensaios contemporâneos. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

SAEZ, O. C. . **Idolos, mitos, legendas. Sobre a interpretação da iconografia católica**. In: Ivan A. Manoel; Solange Ramos de Andrade. (Org.). Identidades religiosas. Franca: Civitas- UNESP, 2008, v. 1 p. 203-227.